

**FLUSSER E O SEU “TOTALMENTE OUTRO”  
UM RETRATO DA CORRESPONDÊNCIA DE MILTON VARGAS E VILÉM  
FLUSSER<sup>1</sup>**

**FLUSSER AND HIS “TOTALLY OTHER”  
A PORTRAIT OF THE CORRESPONDENCE OF MILTON VARGAS AND VILÉM FLUSSER**

Juliana Jacyntho Lima Ferreira Caldeira Meira<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente trabalho visa analisar a correspondência trocada entre o filósofo Vilém Flusser e o engenheiro Milton Vargas, entre as décadas de 1960 e 1980 em cotejo com excertos da produção textual produzida àquela época por ambos, para retratar um exemplo prático da intersubjetividade flusseriana, residente na comunicação dialógica entre indivíduos de pensamento dissonante e seus eventuais pontos de contaminação, de intersecção.

Vivenciamos na atualidade um dos períodos de maior polarização política no Brasil, de cujos tentáculos não foge sequer a trágica pandemia que vimos atravessando. Num pólo, uma massa dita conservadora nega a ciência. De outro lado, uma outra massa dita progressista segue na defesa dos avanços da pesquisa científica como único antídoto para que, uma vez no chão, tomemos impulso e retornemos à luz. Impulsionado pela velocidade de propagação das notícias pela grande rede, cada grupo empunha a sua bandeira e brada aquilo que acredita ao vento – não dialoga-se mais, ao contrário: vivemos a era em que a intolerância dá a cadência dos relacionamentos sociais à distância e, em meio a “*fake-news*”, ‘cancelamentos’ e que tais, entre um ‘*unfollow*’, um ‘desfazer a amizade’ e outro, vamos esgarçando laços com familiares e amigos que pensam diferentemente, fechando-nos em guetos confortáveis – porém nefastos – do pensamento semelhante.

Nessa esteira de acontecimentos contemporâneos, o que nos ensinam a amizade e a profícua troca de cartas tida entre o filósofo Vilém Flusser e o engenheiro Milton Vargas, no período compreendido entre 1969 e 1982? Buscamos responder a esta indagação com algumas proposições a partir do recorte dessa correspondência, reproduzido nesse trabalho.

Se na atualidade assistimos à perigosa tentativa de aniquilação do pensamento opositor ao nosso, em Flusser e Vargas nos deparamos com o genuíno interesse em dialogar com o opositor como meio de potencializar a diversidade do próprio pensamento. O objetivo do presente relato não é o aprofundamento nos conceitos fundantes da filosofia flusseriana, tampouco adentrar em detalhes da produção textual do pensamento de Milton Vargas acerca da filosofia da tecnologia, mas utilizar excertos da correspondência travada entre ambos, disponível para pesquisa no Arquivo Flusser em São Paulo<sup>2</sup>, para analisá-los em cotejo com trechos das obras: i) “Bodenlos” - o “Atestado de falta de fundamento”, especificamente o capítulo escrito por Flusser sobre Vargas; e ii) “Para uma Filosofia da Tecnologia, escrita por Milton Vargas em 1994, a fim de: a) expor a assimetria do pensamento de ambos destacada nas cartas; b) investigar a permeabilidade e a influência que exerceu, cada qual, um sobre a forma de pensar do outro; c) ressaltar o modelo de comunicação de ambos, qual seja, o de buscar no conflito de ideias a expansão do pensamento, por vezes apaixonado e “briguento”, como o próprio Flusser realça numa das cartas<sup>3</sup>, como um exemplo prático da intersubjetividade flusseriana, em que o

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Eixo Temático “Diálogo, Discurso e o Outro na Comunicação”, do VII ComCult, Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2021.

<sup>2</sup>Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP – juliana.jcmeira@gmail.com

verdadeiro estar-no-mundo supõe olhar e ouvido atentos ao outro para dar significado à própria existência.

**Palavras-chave:** Polarização. Intersubjetividade. Vilém Flusser. Milton Vargas.

### **Abstract**

This text aims to analyze the correspondence exchanged between the philosopher Vilém Flusser and engineer Milton Vargas, from the 1960s to 1980s, in comparison with excerpts from the textual production produced at that time by both, with the purpose of illustrating a practical example of the Flusserian intersubjectivity, present in the dialogic communication between individuals of dissonant thinking and their possible points of contamination, and intersection.

Currently, one of the periods of greatest political polarization is seen in Brazil, whose tentacles do not even escape the tragic pandemic we have been going through. At a pole, a so-called conservative mass denies science. On the other hand, another so-called progressive mass continues to defend the scientific advances as the only antidote so that, once on the ground, we will take off and return to light. Driven by the speed of news spread across the internet, each group wields its flag and shouts what they believe in the wind - it is no longer a dialogue, on the contrary: we live in the era in which intolerance gives the cadence of social relationships at a distance and, amid “fake-news”, 'cancellations' and that such, between an 'unfollow', one 'undo friendship' and another, we are cutting up ties with relatives and friends who think differently, closing ourselves in comfortable — but nefarious — ghettos of similar thinking. In this wake of contemporary events, what do we learn from the friendship and the fruitful exchange of letters held by the philosopher Vilém Flusser with the engineer Milton Vargas between 1969 and 1982? We seek to answer this question with some propositions based on the cut of this correspondence, reproduced in this work.

If today we are witnessing the dangerous attempt to annihilate our opposing thought, in Flusser and Vargas we are faced with the genuine interest in dialogue with the opponent as a means of enhancing the diversity of one's own thought. The objective of this work is not to deepen the foundational concepts of Flusserian philosophy, nor to enter into details of the textual production of Milton Vargas's thought about the philosophy of technology, but to use excerpts from the correspondence between them, available for research in the Archive Flusser in São Paulo, to analyze them in combination with excerpts from the works: i) “Bodenlos” - the “Attestation of lack of foundation”, specifically the chapter written by Flusser on Vargas; and ii) “Towards a Philosophy of Technology, written by Milton Vargas in 1994, in order to: a) expose the asymmetry of the thought of both, highlighted in the letters; b) to investigate the permeability and influence it exerted, each one on the other's way of thinking; c) emphasize the communication model of both, that is, to seek in the conflict of ideas the expansion of thinking, sometimes passionate and “quarrelful”, as Flusser himself emphasizes in one of the letters, as a practical example of Flusserian intersubjectivity, in which the true being-in-the-world supposes to look and hear attentive to the other to give meaning to one's own existence.

**Keywords:** Polarization. Intersubjectivity. Vilém Flusser. Milton Vargas.

## **I. Introdução**

Vivenciamos na atualidade um dos períodos de maior polarização política no Brasil, de cujos tentáculos não foge sequer a trágica pandemia que vimos atravessando. Num pólo, uma massa dita conservadora nega a ciência. De outro lado, uma outra massa dita progressista segue na

defesa dos avanços da pesquisa científica como único antídoto para que, uma vez no chão, tomemos impulso e retornemos à luz. Impulsionado pela velocidade de propagação das notícias pela grande rede, cada grupo empunha a sua bandeira e brada aquilo que acredita ao vento – não dialoga-se mais, ao contrário: vivemos a era em que a intolerância dá a cadência dos relacionamentos sociais à distância e, em meio a “*fake-news*”, ‘cancelamentos’ e que tais, entre um ‘*unfollow*’, um ‘desfazer a amizade’ e outro, vamos esgarçando laços com familiares e amigos que pensam diferentemente, fechando-nos em guetos confortáveis – porém nefastos – do pensamento semelhante.

Nessa esteira de acontecimentos contemporâneos, o que nos ensinam a amizade e a profícua troca de cartas tida entre o filósofo Vilém Flusser e o engenheiro Milton Vargas, no período compreendido entre 1969 e 1982? Buscamos responder a esta indagação com algumas proposições a partir do recorte dessa correspondência, reproduzido nas próximas linhas. Se na atualidade assistimos à perigosa tentativa de aniquilação do pensamento opositor ao nosso, em Flusser e Vargas nos deparamos com o genuíno interesse em dialogar com o opositor como meio de potencializar a diversidade do próprio pensamento, como demonstraremos a seguir.

O objetivo do presente relato não é o aprofundamento nos conceitos fundantes da filosofia flusseriana, tampouco adentrar em detalhes da produção textual do pensamento de Milton Vargas acerca da filosofia da tecnologia, mas utilizar excertos da correspondência travada entre ambos, disponível para pesquisa no Arquivo Flusser em São Paulo<sup>3</sup>, para analisá-los em cotejo com trechos das obras: i) “Bodenlos” - o “Atestado de falta de fundamento”, especificamente o capítulo escrito por Flusser sobre Vargas; e ii) “Para uma Filosofia da Tecnologia, escrita por Milton Vargas em 1994, a fim de: a) expor a assimetria do pensamento de ambos destacada nas cartas; b) investigar a permeabilidade e a influência que exerceu, cada qual, um sobre a forma de pensar do outro; c) ressaltar o modelo de comunicação de ambos, qual seja, o de buscar no conflito de ideias a expansão do pensamento, por vezes apaixonado e “briguento”, como o

---

<sup>3</sup> <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>

próprio Flusser realça numa das cartas<sup>4</sup>, como um exemplo prático da intersubjetividade flusseriana, em que o verdadeiro estar-no-mundo supõe olhar e ouvido atentos ao outro para dar significado à própria existência.

## **II. Flusser e Vargas.**

Vilém Flusser (1920-1991) nasceu em Praga, hoje República Tcheca, e veio para o Brasil em 1940, fugindo da guerra e do nazismo, com a família de sua então futura esposa, Edith Barth. Após rápida passagem pelo Rio de Janeiro, onde casou-se com Edith, Flusser estabeleceu-se em São Paulo, onde passou a trabalhar na empresa do sogro, uma fábrica de instrumentos elétricos.

O rompimento com esta atividade laboral para dedicar-se exclusivamente à atividade intelectual se deu no início da década de 1950<sup>5</sup>, passando a ter contato com os frequentadores do Instituto Brasileiro de Filosofia, criado em 1949, por Miguel Reale, grupo que discutia problemas filosóficos e lecionava cursos, frequentado por interessados em filosofia, dentre eles Milton Vargas.

Milton Vargas (1914-2011) foi um engenheiro brasileiro, nascido em Niterói-RJ, tendo sido criado em São Paulo. Engenheiro, professor, filósofo e escritor, foi pioneiro no estudo da mecânica de solos. Desde os tempos de secundarista no Colégio São Bento, onde foi colega de Vicente Ferreira dos Santos (amigo comum que o apresentou a Flusser, inclusive), Vargas foi também um entusiasta dos estudos da filosofia ao longo da vida e foi responsável por introduzir, ao final da década de 60, estudos humanísticos na faculdade de engenharia da Universidade de

---

<sup>4</sup> Em carta enviada a Vargas em 1/5/77, Flusser se despede: “*Sinto muita saudade por não poder brigar contigo fisicamente, porque desta vez teus argumentos merecem que te pegue pelos ombros. Na falta da briga física, te abraço mentalmente*”.

<sup>5</sup> Milton Vargas cita o ano de 1952 e a polêmica do concurso para catedrático da Faculdade de Filosofia para ambientar o encontro havido com Flusser, pela primeira vez, na residência de Vicente Ferreira da Silva - <https://www.youtube.com/watch?v=unfQikCbXz8> Entrevista de Milton Vargas a Ricardo Mendes na FAAP de 28/01/1999, Acesso em 20/06/2021.

São Paulo – Escola Politécnica, onde Flusser também, a seu convite, lecionou a disciplina de Filosofia a partir de 1967.

Nas palavras do próprio Vargas<sup>6</sup>, Vilém Flusser era um homem que não teve uma formação sistemática, nem em filosofia, nem em ciência mas ele lia muito e tinha uma memória fabulosa, “de maneira que essa sua memória, essas suas leituras e principalmente a enorme inteligência que ele tinha foram suficientes para suprir aquela falta de ensinamentos fundamentais que ele não tinha tido em sua vida. (...). Flusser tinha esse aspecto semelhante a Leonardo Da Vinci: era um *homo sanza lettere* mas de uma extraordinária inteligência e uma capacidade de analisar assuntos sob uma perspectiva nova, fascinante sobre qualquer assunto. (...) Flusser não era exatamente uma flor que se beija. Pelo contrario, era um homem agressivo e violento”.

Vargas segue comentando: “(...) Ele era muito imaginoso. Flusser tinha uma maneira de raciocinar muito diferente da minha. Ele nunca partia dos fatos. Ele partia de uma determinada opinião prévia de que ele tomava de uma forma intuitiva, formava uma determinada opinião e depois ele forçava os fatos a confirmarem essas opiniões, era uma maneira de raciocinar muito instigante, muito estimulante para conversa, para discussão, e tudo isto, mas tinha esse defeito: ela podia não ser concorde com os fatos. Eu creio que o principal valor da obra de Flusser é estar na sua posição imaginosa, a imaginação do Flusser é portentosa e ela é instigante, ela é fundadora de novas ideias. ***Não é um homem que tem os pés na terra, preso a fatos positivos, mas é mais um homem que tem o poder de imaginação enorme.*** (...) Ele acreditava na intuição das coisas. Ele defendia suas ideias de uma maneira exuberante, muitas vezes violenta. Ele tinha esse defeito. Pessoas muito sensíveis se sentiam ofendidas com as posições do Flusser. Eu não creio que ele tivesse o interesse em ofender ninguém”. (grifamos).

Nas palavras do próprio Flusser, Vargas foi “engenheiro construtor de barragens e estradas das mais importantes do Brasil, teórico da mecânica dos solos com *standing* internacional, fator importante no desenvolvimento industrial, professor universitário com influência ponderável na vida acadêmica, ensaísta no campo da filosofia da ciência, crítico literário (especialmente da

---

<sup>6</sup> Idem, Ibidem.

poesia romântica e para-romântica inglesa), editor, pensador original no campo político e religioso, com visão a um tempo universal e centrada, *é Vargas um anacronismo na época atual da especialização e departamentização: um homem integral e universal no sentido renascentista do termo*<sup>7</sup>.” (grifamos).

Flusser destaca ainda ser Vargas extremamente modesto, razão de conseqüente dificuldade de fazer valer a sua rica personalidade. E emenda que Vargas é um caso excepcional de práxis contínua e disciplinada, baseada sobre teoria lúcida e sofisticada, que não consegue resultar em autêntica ateração de si mesmo”<sup>8</sup>.

Ressalta Flusser que essa “curiosa dialética” (“quanto mais Vargas se engaja no mundo, e quanto mais o altera, tanto mais não se reconhece nele e tanto mais é por ele recusado”), confere à Vargas um clima dramático - a base da amizade dialógica que liga Flusser ao amigo<sup>9</sup>.

### **III. A correspondência.**

Flusser deixou o Brasil para residir na Europa, ao final da década de 1960. A partir dali, intensa troca de cartas se iniciou com os amigos do Brasil, dentre eles, Milton Vargas. Uma característica da correspondência entre Flusser e Vargas é a forma transparente e incisiva com que ambos colocavam os seus pontos de vista, quase sempre antagônicos, criando-se assim um ambiente de confiabilidade mútua para o exercício dialógico e construção do pensamento a partir das diferenças.

Flusser registra em seu “Atestado de falta de fundamento” no capítulo dedicado a Vargas, que este tinha por característica a *honestidade radical e a inacreditável variedade*, variedade esta, inclusive, que pautou a correspondência travada entre os dois.

---

<sup>7</sup> FLUSSER, Vilém. “Bodenlos”, São Paulo: Annablume, 2007, p. 130;

<sup>8</sup> Idem, Ibidem.

<sup>9</sup> Idem, Ibidem;

A correspondência de 1 de Abril de 1970 nos dá a exata medida dessa diversidade de temas e conhecimento. Nela, Flusser dedica as quatro páginas por ele datilografadas a listar e a discorrer sobre uma rica gama de assuntos, de movimentos da história da arte à filosofia, sobre os quais Flusser aponta discordâncias das mais leves às mais profundas com Vargas, tais como: o gótico, o renascimento, o barroco, o iluminismo. Em seguida, passa a listar o que ele convencionou chamar de “divergências mais na cara” de ambos sobre o nacionalismo e o patriotismo, em geral (que, para Flusser, não passava de “uma nefesta ideologia que procura salientar diferenças entre os homens”)<sup>10</sup>, além do fascismo, o marxismo, o judaísmo e o Brasil. Pedagogicamente, termina a carta listando o que ele ali chamou de divergências mais profundas: a filosofia e a religiosidade.

Ao responder à auto-indagação sobre o que, afinal, os unia ante a tantos paradoxos do pensamento de ambos, Flusser nessa correspondência evidencia ideias basilares do seu pensamento filosófico: a entrega ao outro - a intersubjetividade e a religiosidade fazendo frente ao absurdo da vida, quando responde à Vargas:

“Para mim é preciso viver a sua filosofia, desprezando, dentro de limites razoáveis, as dificuldades econômicas, sociais e pessoais que isto acarreta. ***E viver a filosofia significa para mim procurar, pela razão e pela intuição, dar um sentido à vida. Pois o sentido da vida é a posteridade (o outro). Dou sentido à minha vida, na medida na qual publico. Com isto derroto a minha morte.*** Para si, a filosofia é uma busca do real por detrás das aparências, uma busca que no entanto não ocupa a vida toda. Pelo contrário, atrapalha a verdadeira vida, que é puro prazer de viver, de fazer, de construir, de agir, em soma, e de sofrer a vida. Resumindo: para mim, viver é filosofar, para si filosofar autêntico é viver a vida (nisto eu lhe admiro e gostaria de ser como sr.)”. (grifamos).

Saindo das divergências profundas que tinha com Vargas no campo da filosofia, Flusser finaliza essa correspondência adentrando nas divergências profundas tidas com Vargas no campo da religiosidade, e esclarece:

---

<sup>10</sup> Em carta de 1/8/1969, Flusser escreve a Vargas: “*se meus alunos são brasileiros ou japoneses pouco importa. Por isto não compreendo o nacionalismo*”.

“(…) não importa se aquilo ao qual me entrego se me dá como o totalmente diferente de mim, ou transformado em Homem. O que importa é a entrega. Ela é a tarefa da vida, acima da publicação e da posteridade. Nela falhei redondamente. Para si, a religiosidade se acha canalizada, a priori para o homem, nos canais de várias religiões e seu canal é, queira ou não, o catolicismo. Por isto ele é, para si, a religião única e verdadeira. E a sua tarefa na vida é forçar-se a crer nela. Crer (como diz Agostinho), justamente e por causa de ser absurda. É nesse ato absurdo de fé forçada e deliberada que reside a entrega. Mas também o sr. não consegue”.

Religiosidade, aqui, deve ser entendida na concepção explorada por Flusser em sua obra “Da Religiosidade” que, como o próprio explica na Introdução da obra homônima, foi publicado no Suplemento Literário do jornal O Estado de São Paulo em 1965, logo precede a aludida correspondência com Vargas. Para Flusser, “o homem religioso é um obscurantista do ponto de vista daquele que não é incomodado pela dimensão sacra do mundo. Como a clareza é desejável, há pessoas que abafam dentro de si a voz da religiosidade e vivem como que com óculos escuros para ver mais claramente. *Mas como a clareza é chata, há pessoas que fingem um sentimento religioso para o qual não tem capacidade, e vivem enganando-se a si mesmos*”<sup>11</sup>. (grifamos)

Essa falta de autenticidade dos que vivem enganando-se a si mesmos parecia incomodar Flusser de forma contundente e, por que não dizer, o orientava ao “farejar” seus interlocutores. Quando finaliza a correspondência ao amigo destaca que, apesar de todas as diferenças, o que os une é “a amizade, a situação humana perante o mistério tão próximo e inalcançável, *o horror que ambos tinham da pose e da mentira*, mas fundamentalmente: o que os unia era que ambos buscavam consciente ou inconscientemente a mesma meta, sem ter conseguido”<sup>12</sup>.

A assimetria de pensamento dos dois é novamente abordada por Flusser em correspondência a Vargas, datada de 20/02/78, quando escreveu: “a diferença entre você e mim é esta: você faz coisas que procura breçar o desmoronamento, e portanto não queres saber dele. Eu faço coisas que procuram chamar a atenção para o desmoronamento, a fim de evita-lo”. Analogamente, esse ímpeto de ‘breçar o desmoronamento’ – ou talvez um menor apetite pelo conflito, algo

---

<sup>11</sup> FLUSSER, Vilém. “Da Religiosidade. A literatura e o sendo de realidade”. Escrituras, São Paulo 2002. p. 17

<sup>12</sup> Correspondência de 1 de Abril de 1970.

que não parecia incomodar Flusser, aparece mais explícito nos trechos reproduzidos a seguir, quando Vargas sugere a Flusser que reescreva o seu ‘Atestado de falta de fundamento’.

Vale aqui registrar que a forma como Flusser descreve os diálogos tidos com seus amigos, dentre eles Vargas, em “Atestado de falta de fundamento” foi objeto de acalorada discussão na correspondência entre Flusser e Vargas entre outubro a dezembro de 1973. De um lado, Vargas criticou “Atestado” e Flusser sinalizou, em correspondência de 26/10/1973 que a crítica de Vargas e inesperada brutalidade de Dora<sup>13</sup> pesaram sobre ele, mas que o editor do livro estava entusiasmado e queria que ele continuasse a escrever a obra.

Em resposta de 20/11/1973, Vargas vocifera:

“Mantenho ainda a minha opinião que o teu “Atestado” deva ser reescrito a não ser que você não se importe em ofender teus amigos. Mesmo no meu caso pessoal o que você escreveu não me agrada nada. Mas isso não tem importância. O importante é o que te disse: teu Atestado está cheio do que eu, na falta de melhor palavra, chamei ódio. Isto é algo que reduz tudo: paisagens, homens e causas às suas expressões mais simples”.

Flusser, em carta de 28/11/1973, responde:

“Atestado: pensei muito sobre tua crítica e resumo: (a) escrevo com “ódio” e portanto diminuo coisas e fatos, (e principalmente pessoas). (b) se publicar o escrito, ferirei amigos. Reli tudo, li para várias pessoas aqui e procurei ler com teus olhos. Resultado: (a) “ódio” não é o termo certo. Melhor é “perda de esperança”. Por isto não diminuo, mas procuro afastar-me. Neste processo surgem modificações de tamanho. Por exemplo G. Rosa<sup>14</sup> diminui e Flexor<sup>15</sup> aumenta. (...). (b) Ferir amigos é terrível, mas amizade não é querer não ferir, mas estar na disponibilidade deles. Se você me fere nas tuas cartas faz bem: você mostra que é meu amigo”. E termina o raciocínio citando um brocardo latino de Catulo<sup>16</sup> (atribuindo-o a autoria equivocadamente a Ovidio): “*Odeio e amo. Talvez queiras saber "como?" Não sei. Só sei que sinto e crucifico-me*”.

<sup>13</sup> Dora Ferreira da Silva (1918-2006), poeta e escritora brasileira (1918-2006), viúva de Vicente Ferreira da Silva (1916-1963), ambos amigos comuns de Vargas e Flusser, a quem Flusser dedicou outros dois capítulos em seu polêmico “Atestado”.

<sup>14</sup> Guimarães Rosa (1908-1967), escritor e diplomata brasileiro (1908-1967), a quem Flusser dedicou um capítulo em “Atestado” em que teceu muitas críticas, mal recebidas por Vargas.

<sup>15</sup> Samson Flexor (1907-1971), foi um pintor e desenhista nascido em Soroca, hoje Moldova, que imigrou para o Brasil em 1948 e com quem Flusser teve intenso convívio e também foi personagem de um dos capítulos de “Atestado”.

<sup>16</sup> “*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris. Nescio: sed fieri sentio et excrucior*”. Caio Valério Catulo, poeta latino. O trecho reproduzido por Flusser é o poema 85, em que Catulo expressa o amor no paradoxo *odi* e

Vargas torna a tocar no assunto na correspondência de quatro laudas manuscritas, datada de 20/12/1973:

“Quanto a Atestado, você está desviando o assunto. Já te repeti várias vezes que julgo perfeitamente possível que o livro seja um êxito completo, como estão sendo seus escritos publicados na Europa. Porém, não concordo com o livro, com as tuas opiniões sobre o seu país e nem com as suas opiniões sobre os meus amigos. Elas me ofendem. Compreenda isso. Não seja grosso a respeito dos meus sentimentos, por mais insignificantes que eles sejam. O que não quer, de maneira alguma dizer, que você esteja certo ou errado. Mas quando se trata de causas sentimentais é assim que elas ocorrem. Não te quero ferir nas minhas cartas, se te firo é porque procuro mostrar a você ande eu julgo que você errou. Não aceitarei nunca a premissa de que você está sempre certo e a mim cabe aceitar o que você diz”.

Interessante anotar que, na mesma correspondência, Vargas tece uma crítica a Flusser quanto ao modo de escrever, não relacionado diretamente à polêmica na qual os dois estavam mergulhados sobre o “Atestado”, mas sobre divergências de ponto de vista que Flusser teria relatado noutra correspondência com o filósofo italiano Ernesto Grassi (1902-1991): “Por isso te aconselho mais uma vez: - quando escrever, pense mais... demore mais sobre o que escreve... não se deixe levar pela tua própria imaginação. Creia que há coisas e pessoas fora de você e que podem ser muito boas sem estarem necessariamente do teu lado e que a pior traição que se pode fazer a alguém é pintá-lo com as cores douradas da nossa própria fantasia”.

Divergências respeitadamente colocadas por ambos à parte, “Atestado” foi publicado e se Flusser pintou Vargas com “as cores douradas de sua própria fantasia”, não temos como afirmar.

---

*amo*. No segundo verso, com a palavra *excrucior* (palavra que significa "submeter ao castigo da cruz", pena reservada apenas para os escravos e, por isso, considerada infame), o poeta apresenta um desespero, um tormento acompanhado de sentimentos de culpa por ter alimentado ao longo dos anos um amor vão. (87-84 and 57-54 b.C.)  
Fonte: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-16.html>, Acesso em 21/06/2021.

Fato é que a constante tensão dialética de suas cartas, aquilo que em Vargas habitava e que em Flusser faltava, e vice-versa, foi fonte de inspiração do pensamento de Flusser para abordar o caráter lacunar, faltante, incompleto da existência humana, e do “estar no mundo” na busca da sacralização no outro – culminando na concepção do conceito da intersubjetividade – Vargas para Flusser; Flusser para Vargas: um relacionamento de amizade entre opostos, humanos e por isso mesmo incompletos, e que, generosamente, buscavam por essa *completude* no ‘outro’.

No capítulo a Vargas dedicado em *Atestado*, essa premissa se confirma. Escreveu Flusser:

“o diálogo se dava (até em momentos aparentemente levianos) em clima religioso. E foi em tal clima que a complementaridade dos dois se revelava extremamente fecunda. Um aprendeu não apenas a tolerar a vocação do outro, mas a reconhecer nela o seu outro lado. (...). *Vargas era o oposto da gente, tanto na sua forma de pensar quanto na sua maneira de agir no mundo. Pois este lado oposto era o que faltava à gente. A gente se integralizava em contato com ele. Via o mundo do lado avesso, e via-se, a si própria, do lado avesso.* (...). Mas o aspecto mais radical do diálogo era este: *a existência mesma de um problematizava a existência do outro. Negavam-se mutuamente. E é isto a verdadeira dialética religiosa (aquilo que o Talmud e o Evangelho chamam “o amor do outro”). Um não era possível por causa do outro e, portanto, um não era possível sem o outro. E tal dialética se resolve apenas no Totalmente Outro. O choque de duas existências irreconciliáveis e, portanto, carentes uma da outra, provocava a Totalidade*”<sup>17</sup>. (grifamos).

Essa dialética religiosa de encontrar a totalidade no outro, no choque entre diferentes é o embrião, ali então em meados de 1973, como vemos na correspondência com Vargas, de artigo publicado por Flusser uma década depois, em Agosto de 1982, na Revista *Shalom*, com o título “*Ame teu outro como a ti próprio*”, em que Flusser confronta fundamentos do talmudismo com a antropofagia para apontar que o ‘sacro’ reside no caráter relacional entre mim e o outro, para chegar ao seu conceito de intersubjetividade.

Registra Flusser: “Para a antropofagia, o problema tem esta forma: quando encontro o outro, encontro-me face ao diferente de mim, ao estranho, ao estrangeiro, ao inimigo. “Encontro-me”, isto é: identifico-me face ao outro. Torno-me sujeito. Por isto o outro é sacro: faz com que me

---

<sup>17</sup> FLUSSER, Vilém. Ob.Cit, 2007, p. 139.

identifique. O outro é o objeto do qual sou o sujeito. A relação que se estabelece é relação projetiva. (...). Procuro, pelo intermédio da arte, da ciência, da ideologia, a técnica, recuperar o objeto e transformá-lo em coisa minha. Destarte dominarei a estranhez, a estrangeiridade, a inimizada do outro. Dominarei a diferença pela identidade. Terei “des-sacralizado” o outro. Este é o projeto”<sup>18</sup>.

Quanto à crítica ao problema da antropofagia, com base no Talmudismo, Flusser avança: “Hilel afirma a “odiosidade” de tal projeto. Porque assenta sobre um encobrimento da realidade concreta. O sujeito que se projeta “esqueceu” como ele próprio surgiu. Que surgiu no encontro, e graças ao encontro com o outro. Que, sem o outro, não existiria. (...). (...) o termo ‘como’ na sentença ‘ame teu outro como a ti próprio’ significa: *no além das projeções, no além da identidade e da diferença*. Destarte fica superado o problema da antropofagia. Devorador e devorado são extrapolados da relação do entredevorar, a qual surge enquanto realidade concreta do “entusiasmo”. O “círculo urobórico”, *o círculo da subjetividade e objetividade fica transcendido pelo “amor”, pela intersubjetividade*. (...). Toda mensagem é recebida, necessariamente, sobre o fundo relacional no qual o receptor se encontra”<sup>19</sup>. (grifamos).

#### **IV. A entrega e a contaminação.**

Reunimos a seguir alguns outros excertos da correspondência e das obras de ambos, com o objetivo de demonstrar *onde Vargas vivia em Flusser* e onde *Flusser vivia em Vargas*.

À época vivendo na região da Provence, no sul da França, Flusser escreveu a Vargas, já em 26/07/1974 sobre a crise de objetividade: “Estamos presenciando crise de objetividade, não apenas na teoria, mas também na praxis. *Não podemos mais desprezar na prática que o sujeito interfere no objeto observado*, e que o modelo tende a provocar no modelado tendência para adaptar-se ao modelo. E *está surgindo nova cosmovisão, a da fenomenologia*. Fenômenos não

---

<sup>18</sup> FLUSSER, Vilem. “Ame o teu outro como a ti próprio” in Revista Shalom Agosto de 1982, disponível em [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br), Acesso em 20/08/2019.

<sup>19</sup> Idem, Ibidem.

vistos a partir de sujeito transcendente, mas a partir de *sujeito imerso no fenômeno a ser conhecido e manipulado*". (grifamos)

A crise de objetividade, para dar lugar a uma nova cosmovisão, com maior engajamento humano no estar no mundo, foi então tema recorrente na correspondência, vindo a ser explorado por ambos em seus escritos. De mudança para a cidade francesa de Robion, Flusser escreve ao amigo, em 12/01/1981:

“O cientista e técnico do qual você fala e o qual julga perigosa a estetização, (isto é: existencialização) da sua disciplina, é duplamente iludido. É iludido por supor que *a valoração ética e estética é movimento externo ao conhecimento e ao fazer, que pode ou não ser “acrescida” ao conhecimento e ao fazer, quando, na realidade, todo conhecimento e todo fazer estão já informados pelos valores, ou não poderiam existir*. E é iludido por não se dar conta que sua negação dos valores resulta, na realidade, na afirmação dos valores da classe dominante, em função da qual conhece e age. *Calcular represas ou programas de computação, construir fábricas ou estradas, e até teorias biológicas ou astronômicas, é atividade política e estética, e torna-se atividade política e estética “opressora” se não estiver iluminada pela consciência política e estética de quem a executa*. Como os cientistas e técnicos honestos não mobilizam tal consciência, tanto a ciência pura como a técnica funcional vão se tornando, atualmente, atividades des-humanizantes. E despertar a consciência política e estética do cientista e técnico é uma das tarefas mais urgentes com as quais intelectual (filósofo, crítico, ensaísta, que saísse), se confronta”. (grifamos)

Em 4/8/1981, em artigo intitulado “Do cultural ao sagrado”, na Folha de São Paulo<sup>20</sup>, Vargas escreve suas impressões sobre o livro<sup>21</sup> homônimo, em cujo lançamento esteve presente na companhia de Flusser, na cidade francesa de Aix en Provence:

“A *cultura*, sob o ponto de vista da animação, não é mais patrimônio de alguns poucos, privilegiados pela inteligência ou sensibilidade artística, os quais são capazes depois de longo aprendizado, de escrever, ler e gostar de livros profundíssimos e deleitarem-se em ver ou ouvir, ou criarem objetos valoradíssimos que são chamados “obras de arte”. Pelo contrário, *ela é uma maneira de ser, um modo de vida, um estilo de atividades, uma comunicabilidade, uma criatividade espontânea de instrumentos, obras e adornos, por um grupo social, que ser seja ele majoritário ou minoritário, dominante ou*

<sup>20</sup> VARGAS, Milton. “Do Cultural ao Sagrado”, Folha de São Paulo de 04/08/1981, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;

<sup>21</sup> O livro então em questão é “Du Cultural au Sacré”, de Pierre Gaulibert.

*dominado. Portanto, cultura seria algo que unificaria toda atividade de uma sociedade e, assim, não se distinguiria da política e conviria a ser “animada” pelos governos, para que todos os grupos sociais explicitassem sua maneira de ser. Não é difícil perceber que tal concepção de cultura apoia-se firmemente em duas dimensões, mais ou menos conflitantes entre si, da nossa atual cosmovisão. A primeira é a do primado de todo conhecimento científico, pois é claro que a segunda ideia de cultura, acima mencionada, é exatamente a das ciências do homem, por isso mesmo também chamadas ciências da cultura. Nessas, a “cultura de um povo” não está diretamente relacionada com o valor artístico das suas obras, instrumentos ou adornos, mas sim com a **atitude em relação ao mundo que elas conferem a esse povo**. (...) E assim formou-se, no mundo atual um ambiente favorável a repensar não só a repressão da imaginação, da sexualidade e da feminilidade, como também a sacrabilidade, reprimida pela sociedade industrial em prol de sua eficiência. **Não se trata de voltar a formas arcaicas da religiosidade primitiva, mas de reintegrar na nossa cultura uma dimensão do humano sem a qual sua própria interioridade não se satisfaz**”. (grifamos).*

Os debates sobre crise de objetividade e subjetividade, entre a arte e a técnica ainda viriam a pontuar ricas discussões entre os dois.

Na carta datada de 11/3/1982, Flusser, inclusive, anexa a transcrição da conferência por ele dada na Maison de La Culture, em Chalon-sur-Saône intitulada “Criação científica e artística”, pontua: “Quem diz que o homem está sempre no mundo, está dizendo que o homem está sempre com outros homens. Que tudo que vai conhecendo, vivenciando, e valorizando é conhecido, vivenciado e valorizado graças aos outros, em conjunto com os outros, e para os outros. Até os conhecimentos, vivências e valores aparentemente mais solitários. O conhecimento científico se quer conhecimento transcendente, do tipo de um deus solitário que tem visão objetiva. Se tal conhecimento for possível (o que não é caso), seria conhecimento absurdo. Todo conhecimento humano, para ser conhecimento, deve ser intersubjetivo. **A objetividade e a subjetividade, (ciência e arte no significado moderno dos termos), não passam de horizontes abstratos da relação concreta que é o conhecimento intersubjetivo. Em outros termos: todo conhecimento é concretamente político, e a ciência e arte modernas não passam de duas avenidas de acesso a tal concreticidade**”. Ao final, datilografa: “Meu caro Milton: isto como contribuição para a tua “filosofia da tecnologia”, Abraços, 17/03/1982”. (grifamos).

Referida correspondência parece ter ecoado: *Para Uma Filosofia da Tecnologia* foi lançado em 1994 e compila uma série de trabalhos de Milton Vargas sobre o tema, em variada cronologia.

No capítulo intitulado “Pesquisa Tecnológica: Seu Papel na Sociedade Brasileira”, originalmente uma conferência em Simpósio homônimo, organizado pela Sociedade Brasileira da História da Ciência, em homenagem à passagem do 70º aniversário do Prof. Milton Vargas, em junho de 1985, Vargas escreve:

“Não há dúvida de que a massa de conhecimentos adquiridos através da pesquisa científica e tecnológica sobre nossa natureza e nossa cultura constituem-se como esperança de podermos arrancar-nos em breve do subdesenvolvimento. Entretanto, *parece que a imaginação, a fantasia e o sentimento do nosso povo vem sendo sufocados pela própria ideia de que a política, em bases científicas, é a última instância do conhecimento*. O perigo de tentar resolver os problemas do subdesenvolvimento pelo puro conhecimento científico ou tecnológico é o de hipertrofiar a função intelectual da coletividade. Pois creio eu que as coletividades tem uma alma semelhante a dos indivíduos e *toda alma necessita um equilíbrio entre suas funções intelectivas e volitivas – ou, se quiserem, entre conhecimento e sentimento*”<sup>22</sup>. (grifamos).

A permeabilidade do pensamento filosófico de Flusser e Vargas aparece em *Para uma Filosofia* noutras passagens: é o que constatamos da leitura de “Crenças, Ciências e Metafísicas”, segundo capítulo do livro, originalmente publicado na Revista Brasileira de Filosofia nº 82, em Junho de 1971, ápice festivo do intercâmbio de ideias entre Flusser e Vargas, portanto.

Ao explicar a evolução histórica do conceito de metafísica, Vargas registra: “Faz-se metafísica assim a partir de uma situação definida por diversas certezas, tais como o saber científico, na direção da busca de uma certeza radical, a verdade metafísica. Então, encontra-se através da teoria, algo que não é teórico: é radicalmente real, no sentido literal de ser a raiz de toda a realidade sobre a qual me atenho”.

Vargas avança, citando o conceito de ‘mi-vida’ do filósofo espanhol Ortega, em passagem filosófica que em muito se aproxima da visão flusseriana de um estar-no-mundo pautado pela

---

<sup>22</sup> VARGAS, Milton. “Para Uma Filosofia da Tecnologia”, Editora Alfa Omega, São Paulo 1994. p.240

intersubjetividade: “essa raiz da realidade, Ortega em sua filosofia, a descobre, em “mi-vida” de cada um, quando edifica a sua teoria metafísica. *Entendida “mi-vida” como o âmbito em que encontro as coisas e me encontro a mim mesmo a lidar com elas*, porquanto toda realidade se dá nela. Tudo é nela radicado; e é ela a fonte de tudo que há. Tudo se realiza dentro desse âmbito, *não só me encontro com as coisas em torno de mim, mas também o meu próprio encontro com o transcendente à vida, ou com o impossível; dá-se tudo dentro de minha vida*”<sup>23</sup>. (grifamos).

Como o próprio Flusser registra em “Atestado”, Vargas não apenas ensinava Flusser a ver tal coisa, mas a demonstrava em quintessência pelo próprio *estar-no-mundo*. Tal modificação produzida em Flusser por Vargas pode ser resumida da seguinte forma: passava-se a admitir, com graves reservas, que afinal de contas havia valores (todos eles extra-rationais) em prol dos quais valia a pena viver (e talvez até morrer). Desta maneira Vargas era o motor propulsor do engajamento de Flusser”<sup>24</sup>.

O engajamento provocado por Vargas em Flusser é resultado do diálogo de ambos que, sem anular um ao outro, possibilitava transcenderem a subjetividade e a objetividade pela intersubjetividade, pelo amor ao outro, pelo amor ao debate, pelo amor ao conflito não entre sujeitos, mas entre suas ideias – ideias em choque – e que, nesse espaço “entre”, intersticial, relacional, contaminaram-se mutuamente.

## **V. Considerações finais.**

Na correspondência de 4 de agosto de 1981, Flusser utiliza a expressão “dialética “ritmo-cadência” para descrever um seminário sobre “ritmo” por ele dado na abadia de Senanque em julho daquele ano, para abordar o “problema da força do tempo e do espaço (tempo mágico, histórico, cibernético, espaço privado, público, teórico etc). O problema da repetição, e o do ritmo vital, (maníaco-depressivo), contra o ritmo mecânico de um lado; e o ritmo espiritual,

---

<sup>23</sup> VARGAS, Milton. Ob. Cit, 1994. p.240

<sup>24</sup> Idem, p. 136

(lógico-estético), de outro”. Ritmo, define ele, “é a única medida do tempo pelo próprio tempo, e encurvatura do espaço sobre si mesmo”.

Tomamos a expressão “dialética “ritmo-cadência” aqui emprestada para caracterizar o espírito da correspondência entre Flusser e Vargas. O diálogo entre os dois obedecia uma dialética ritmo-cadência. O ritmo dado pela técnica, na cadência da arte. O ritmo dado pela objetividade amalgamada à subjetividade. O ritmo dado pela discordância, na cadência dos pontos de interseção de contaminação.

Um exemplo vibrante da intersubjetividade flusseriana. Um discordar respeitoso entre dois seres humanos de pensamentos opostos mas dipostos à troca, servindo de exemplo para a nossa sociedade polarizada atual, que parece ter perdido a capacidade de lançar-se ao debate respeitoso de ideias/ideais com seus opositores, ora fugindo do conflito de argumentos e fundamentos, ora optando pela mediocridade das conversas superficiais que nada desejam revelar e apenas servem de escudo social.

Vargas e Flusser nos brindam em sua correspondência com um retrato do que praticaram em vida: a capacidade dialógica rasgadamente sincera na forma de expressar seus pensamentos, dois homens engajados no seu tempo e na genuína relação de troca.

O projeto de intersubjetividade a que ambos se entregaram em vida, Flusser e Vargas, foi exitoso: a relação de troca de conhecimento a despeito da disparidade de posicionamentos e opiniões foi tão genuína que, ao final, é difícil ao intérprete das cartas identificar quem teria influenciado quem em suas obras, o que, aliás, ao melhor modo antropofágico, pouco importa.

Numa das cartas que vimos nesse breve retrato-relato, Flusser escreveu a Vargas que *o que importa é a entrega, pois ela é a tarefa da vida e nela teria ele falhado redondamente*. Ora, se o viver religioso é buscar no totalmente diferente de mim a totalidade, buscar a sacralidade no outro, algo nos leva a crer ser imperioso discordar dessa afirmação: nem ele, nem Vargas falharam, longe disso. Ambos acertaram o seu objetivo de completude através do

relacionamento com o diverso, com aquele que os antagonizava e, por isso, os completou, ou, como o próprio Flusser poeticamente registrou ao se despedir de Vargas numa de suas cartas: Flusser ‘ganhou chão debaixo dos pés e Vargas horizontes acima da cabeça’<sup>25</sup>.

**Referências.**

- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 01/08/1969, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 01/04/1970, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Milton Vargas a Vilém Flusser, de 14/11/1972, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 26/10/1973, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Milton Vargas a Vilém Flusser, de 20/11/1973, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 28/11/1973, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Milton Vargas a Vilém Flusser, de 20/12/1973, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 26/07/1974, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 01/05/1977, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 20/02/1978, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 12/01/1978, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 04/8/1981, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- Correspondência de Vilém Flusser a Milton Vargas, de 11/03/1982, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;
- CATULO, Caio Valério, Poema 85, disponível em <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-16.html>, Acesso em 21/06/2021.
- Entrevista de Milton Vargas a Ricardo Mendes na FAAP de 28/01/1999, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=unfQikCbXz8>, Acesso em 20/06/2021.
- FLUSSER, Vilém. “Ame o teu outro como a ti próprio” in Revista Shalom Agosto de 1982, disponível em [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br), Acesso em 20/08/2019;
- FLUSSER, Vilém. “Bodenlos”, São Paulo: Annablume, 2007.
- FLUSSER, Vilém. “Da Religiosidade. A literatura e o sendo de realidade”. Escrituras, São Paulo 2002.
- VARGAS, Milton. “Para Uma Filosofia da Tecnologia”, Editora Alfa Omega, São Paulo 1994.
- VARGAS, Milton. “Do Cultural ao Sagrado”, Folha de São Paulo de 04/08/1981, disponível em <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/>, Acesso em 21/06/2021;

<sup>25</sup> Essa é a forma que Flusser se despede do amigo na correspondência de 26 de Julho de 1974: “*Abra-se, por alguns instantes, a mim e tais problemas. Responda, a fim que eu possa ganhar chão debaixo dos pés e você horizontes acima da cabeça*”.